

Mirĩ*

Consuelo de Paiva G. COSTA

RESUMO *Este é um estudo sobre a fonologia da língua Nhandewa-Guarani, falada por comunidades indígenas do estado de São Paulo e norte do estado do Paraná. A introdução trata brevemente questões históricas destas comunidades, como as migrações religiosas e o percurso até a fixação nas áreas atuais. A segunda seção do texto traz o inventário dos fones vocálicos e consonantais encontrados na língua e a apresentação de nossa interpretação para o sistema fonológico. Nas seções 3 e 4 discute-se a proposta de sistematização da fonologia do Nhandewa-Guarani com base no funcionamento de cada segmento no sistema e nas oposições fundamentais da língua.*

ABSTRACT *This is a phonological study about the Nhandewa-Guarani language, spoken by indigenous communities in São Paulo and northern Paraná states (Southern Brazil). This text has four sections: firstly, I discuss on Nhandewa history, furthermore to consider the religious nomadism and the route as far as the actual territorial fixation. The second presents the phonetic inventory and proposes a phonological interpretation. The third deals with a discussion about the interpretation proposed and the last one contains some close considerations .*

1. INTRODUÇÃO

O Nhandewa-Guarani é uma língua do tronco lingüístico Tupi falada em seis comunidades indígenas no sul-sudeste brasileiro: Laranjinha e Pinhalzinho, no Paraná, e Nimuendaju, Itariri, Piaçaguera e Bananal, no estado de São Paulo¹. Estas áreas foram formadas a partir de migrações religiosas, em busca da 'Terra sem

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 21 de fevereiro de 2003, sob a orientação do Prof. Dr. Wilmar D'Angelis.

¹ É necessário destacar que o dialeto Nhandewa que trato aqui não é o mesmo Nhandewa-Guarani falado no Paraguai, no sudoeste do Paraná ou em Santa Catarina.

Males'. A marchas a caminho do mar², bastante comuns entre os grupos Guarani, eclodiram entre os Nhandewa do baixo Iguatemi no final do século XIX e começo do XX. Nessas ocasiões, iniciaram-se as peregrinações de partes da comunidade Nhandewa, que habitava o sul de Mato Grosso do Sul, em direção à costa leste, rumo a *Ywy marãe'ỹwa*, a Terra sem Males. Várias dissidências nas levas, escravidão e muitas mortes por fome e por doenças levaram alguns grupos a interromper a marcha e fixar-se em diversos locais ao longo do percurso. Por volta de 1912, o etnólogo alemão Curt Nimuendaju, que desde 1905 vivia com os Nhandewa no antigo Araribá e era funcionário do SPI³, tenta, em vão, reunir todos os grupos nesta área que, mais tarde, receberia seu nome. Este é um brevíssimo relato de como se formaram as atuais áreas Nhandewa-Guarani em São Paulo e Paraná⁴. Hoje, o 'complexo interdependente' das seis aldeias Nhandewa-Guarani, onde vivem cerca de 570 pessoas, mantém uma rede de relações que incluem casamentos, mudanças temporárias, visitas a parentes, produção e comércio de artesanato e outras.

Conheci os Nhandewa paulista-parananeses em 1998, quando fomos convidados, pela comunidade do Posto Nimuendaju, a fazer um estudo lingüístico da variedade Guarani falada nestas áreas. Em 2003, concluí o texto chamado '*Nhandewa aywu*', um estudo da fonologia do Nhandewa-Guarani. Neste artigo, que é um panorama do texto de 2003, procuro mostrar em quais pontos o nosso tratamento para a fonologia de uma língua Guarani oferece alternativas de interpretação em relação aos tratamentos que vêm sendo dados para o sistema fonológico destas línguas.

2. INVENTÁRIO FONÉTICO E SISTEMA FONOLÓGICO

Fones vocálicos

i i̇ e ė ε a o u u̇ i̇ i̇ ė ė ε̇ ã õ õ̃ õ̃̃

Sistema Fonológico das vogais

i i̇ u i̇ i̇ ũ

ε a o ė ã õ

Fones consonantais

p t k g ʔ v s t̃ s̃ t̃ d̃ ʒ k̃ w̃ g̃ w̃ m ñ ñ ñ ñ m̃ b̃ ñ d̃ ŋ̃ g̃ ŋ̃ gw̃ r w u j ɟ

² Ver, por exemplo, Clastres, H. (1978).

³ Serviço de Proteção aos Índios, extinto em 1967 e substituído pela FUNAI.

⁴ Encontramos em Nimuendaju (1987) um relato detalhado da história destas comunidades indígenas.

Quadro fonológico das consoantes

Obstruinte	p	t	ts	tʃ	k	kw	ʔ
Soante	mb	nd	r	j	ɰ	w	

3. SISTEMATIZAÇÃO DA FONOLOGIA

Dentre os tratamentos que têm sido dados à fonologia de dialetos Guarani, muitos são relativamente falhos, principalmente, por dois motivos: os quadros fonológicos são “inchados” por material fonético e apresentam lacunas quanto a elementos fonológicos relevantes, tratados como realizações superficiais. A nossa interpretação é uma tentativa de, por um lado, eliminar os excessos fonéticos e, por outro, preencher as lacunas do quadro fonológico.

Consoantes obstruintes

[g] e /ɰ/: Nesta intenção, a presença do segmento [g] no quadro fonológico foi avaliada e decidimos por sua retirada com base na relação fonética com os fonemas /k/ e /ɰ/. Verificamos que a realização, anotada por nós como [g] intervocálico, de fato correspondia a uma realização variante do fonema aproximante /ɰ/. Esta variação fica explícita quando o segmento ocorre entre duas vogais baixas, como em [adʒa'ɰa] “eu corto”. Nestes casos, a aproximante tem realização clara, inclusive, atestada em análise espectrográfica. Outro indício para a relação entre /ɰ/ e [g] são os exemplos usados por Nimuendaju para uma “mudança” observada no Apapocuva⁵ em relação ao /g/ de línguas Tupi, como o Tupinambá. Transcrevo abaixo um trecho de *Nhandewa aywu*, Costa (2003:32), para comodidade. Nele, apresentei e comentei os exemplos de Nimuendaju para a suposta mudança fonológica no Apapocuva:

6- Mudança da última sílaba átona. Uma das diferenças entre as línguas do ramo Tupi e do ramo Guarani é a ausência, nas últimas, de sílabas finais átonas presentes nas línguas Tupi, como já apontou Aryon Rodrigues⁶, em casos como porang(a) → porã. Assim, no ramo Guarani as palavras são acentuadas, geralmente, na última sílaba.

É bem verdade que existem as posposições e sufixos átonos. (...)

⁵ Apapocuva é como Curt Nimuendaju chama os ascendentes dos Nhandewa-Guarani paulista-paranaenses.

⁶ Rodrigues (1945).

Além disso, existe na língua um grupo de palavras que podem ser confundidas com paroxítonas; são aquelas em que, ao invés do apagamento da última sílaba átona, o que se nota é uma mudança nesta sílaba, como nos exemplos⁷:

Guarani Antigo	Apapocuva	Nhandewa	Português
oga	óy	['oʋ] ~ ['oʋʋ]	casa
coga	cóy	['koʋ] ~ ['koʋʋ]	roça
aňang	aňãy	[ã 'ɲã]	“diabo”
coang	coãy	[kō 'ãũ] ~ [kō 'ãɲ]	agora

Ao usar a representação “y” no lugar em que no Guarani Antigo (e também no Tupi) encontramos um “g”, Nimuendaju confirma nossa sugestão de que “g” fosse, de fato, realização variante da aproximante /ɥ/. Esta interpretação nos chama a atenção para uma questão: por que todas as codas consonantais presentes no Tupi desapareceram nas palavras correspondentes em (Nhandewa) Guarani, exceto as codas que continham o segmento /g/, que sofreram uma “mudança”, ao invés de desaparecer completamente?

O fato da coda silábica já ser formada, então, por um segmento aproximante poderia ser a explicação para a sua permanência, já que as codas “oclusivas” é que caíram, enquanto as aproximantes permaneceram⁸. Existe pois, a possibilidade de que, já no Tupi e Guarani Antigo, o som fosse uma aproximante, como me sugeriu D’Angelis. Veja o que escreve Edelweiss sobre o tema:

“O g neste caso não apenas existiu, mas ainda existe entre os guaranis de hoje, como tivemos ocasião de verificar. Apenas é muito suave, quase que só expresso por um movimento do queixo.” (1969:81).

Estas evidências nos sugerem interpretar a série das aproximantes do Nhandewa-Guarani (j, w, ɥ) como contrapartes não-silábicas das vogais (i, u, ã), respectivamente. Nos exemplos apresentados por Nimuendaju, grafa-se com y, que é o grafema usado para representar a ‘sexta vogal’ do Guarani, a central alta /ɨ/, o que nos permite supor que Nimuendaju não ouvia uma coda consonantal neste lugar, mas sim, uma aproximante correspondente dela.

Com esta interpretação, percebemos que não devemos tratar palavras como “óy” e “kóy” como dissilábicas paroxítonas, mas como monossilábicas oxítonas, com sílaba travada por aproximante. Isto tem conseqüências para a interpretação do padrão silábico (que admitiria também o padrão CVG), mas torna o padrão acentual mais coerente e homogêneo.

⁷ Exemplos de Nimuendaju (1987:22) em comparação com os dados do Nhandewa contemporâneo.

⁸ Cf. nota 19.

[dʒ], /j/ e [ɲ]: a análise dos dados apontou para uma distribuição completar de [dʒ] e [j]: [dʒ] só ocorre em onset e [j] somente em coda na sílaba⁹. Para o Tupi, Anchieta escreve, por exemplo *Iucâ, Ajucâ*, etc¹⁰, para “matar”, termos que em Nhandewa são realizados [dʒu 'ka], [adʒu 'ka].

Considerando-se também a relação de /j/ com [ɲ], nossa decisão foi por considerar /j/ como um fonema que possui três diferentes realizações: [j] em coda silábica; [dʒ] em onset silábico seguido de vogal oral e [ɲ] em onset silábico seguido de vogal nasal. Reforçam esta hipótese dados correspondentes em outros dialetos como, por exemplo, em Guaraní paraguaio, *ñoty*, “plantar” e a correspondente em Nhandewa-Guarani, *djaty*. A relação entre [ɲ] e /j/ é também observada, por exemplo, na pronúncia da classe de verbos que segue o paradigma de flexão em {a-}, {ere-}, etc, como é o caso de [ã 'tʃɛ̃] “eu saio”). Para estes verbos, o marcador de primeira pessoa do plural inclusivo se realiza como {dʒa-} - *dja* - em contexto oral, como é o caso de *djagwata* [dʒagwa 'ta] “nós andamos”, enquanto em contexto nasal, como no caso do verbo [ãɲimũnõ 'ʔõ] ‘reunir-se’, a primeira pessoa do plural inclusiva (nós, incluindo o interlocutor), terá o marcador de pessoa {dʒa-} realizado como [ɲã-]. Isto pode ser verificado em [dʒa, a # ñãɲimũnõ 'ʔo#mã] ‘nós vamos nos reunir’ cuja forma fonológica é /ja, a # ja + jimbundoʔo # mba/. Para *ãtẽ* “eu saio”, a forma correspondente à primeira pessoa do plural inclusiva é [ɲã 'tʃɛ̃] “nós saímos”. Também para o verbo *endu* “escutar” temos a conjugação para a primeira pessoa do plural inclusiva: [ɲã, nẽ#ɲẽ 'ndu] “nós escutamos”, segmentada como {ɲã 'ndɛ} “nós” + {dʒa-} ‘flexão verbal de pessoa’ + {-ẽ 'ndu} “escutar”.

[gw], /w/ e /kw/: Com relação ao [gw], percebemos que, por várias vezes, palavras correspondentes às que, no Nhandewa, tínhamos anotado com o som [gw] - como *gwawira* [gwawi 'ra] “gabiropa”; *gwãpurũ* [gãwãpũ 'rũ] “jabuticaba”; *ãgwã* [ã 'gã] que marca futuro¹¹; etc. – eram grafadas por outros autores com *w*, às vezes com *v* e ainda com *u*, ou *õ*, como é o caso de Anchieta .

⁹ A abordagem fonológica desse trabalho não é a da Fonêmica. Por comodidade, no entanto, empregamos vez ou outra, as expressões “alofone”, “alofonia”, e “distribuição complementar”.

¹⁰ Anchieta (1595:17v-19v).

¹¹ Anchieta (1595:19) descreve *ãgwã* como infinitivo futuro: “*infinitiuo futuro. Iucã aõãma*”. Montoya (1640: 15) também descreve como infinitivo futuro “haver de ...” e grafa *hãgũãmã*. Gregores e Suárez o traduzem como “*in order that*” (1967:143).

Por exemplo, Nimuendaju (1987:153) escreve ‘vapuruĩ’ para “jabuticaba” - [ʷwãpũ ' rũ], em Nhandewa - e grafa como *uembé* o termo para [ʷwe ' mbe] que é um tipo de cipó (1987: 31). Os professores índios, em nossos encontros, escreveram primeiramente ‘ãwã’, para marcar futuro. Pe. Anchieta escreve esta mesma partícula como *aõãma*. Já Gregores e Suárez (1967:143, 177) grafam *haɽwã*.

Além disso, por diversas vezes em campo, ao transcrever os dados nas entrevistas com os falantes, anotamos estas palavras (e outras) ora com ʷ ora com w: [wãpũ ' rũ]; [ʷwawi ' ra]; [oʷweɾe ' ko]~ [oweɾe ' ko] “ele tem”.

Todas estas evidências apontam para a possibilidade de considerar-se o som [gw] como uma variante do fonema aproximante /w/. Já o outro segmento labializado, /kw/, é tratado aqui como fonema da língua.

O desaparecimento da série das fricativas:

Os segmentos complexos /t͡s/ e /t͡ʃ/: ocorreu uma separação histórica no tronco Tupi que originou dois ramos lingüísticos diferentes (o Proto-Guarani e o Proto-Tupi) de uma língua ancestral comum (o Proto Tupi-Guarani). Tais ramos lingüísticos ancestrais deram origem ao que hoje chamamos de ramo Tupi e ramo Guarani. Esta separação é evidenciada por correspondências entre fonemas resultantes de mudanças fonológicas que ocorreram em algum momento da história destas línguas. Talvez um dos melhores exemplos de mudanças fonológicas como estas seja a ocorrência, na grande maioria das línguas do ramo Guarani, do fonema /h/, onde no ramo Tupi encontra-se /s/.

Avançando um pouco mais na linha histórica destas línguas, observamos que o dialeto Nhandewa paulista-paranaense eliminou o fonema /h/ completamente e as ocorrências de /s/ que haviam ficado em algumas formas cristalizadas do ramo Tupi, são realizadas, no Nhandewa como a africada /t͡s/.

/s/(Tupi) → /h/ (Guarani) → Ø (Nhandewa-Guarani).

/s/(Tupi) → /s/ (Guarani) → ts (Nhandewa-Guarani).

Sobre o fonema /ts/ escreve Curt Nimuendaju: “ (...) *La c tiene sonido sibilante delante de la e, i, y. La c cedilla (ç) también es sibilante delante de la a, o, u. Esta sibilante, tanto en paraguay como en los dialectos Kayguá suena suave como la th inglesa; en los Apapokuva suena áspera, como la tz alemana* (isso é, como /ts/). *Aparece desagradablemente áspera en la conversación y denuncia al Apapokuva apenas abra la boca para hablar. Lo mismo sucede con la ch, que debe*

*pronunciarse mucho más fuerte que la correspondiente sibilante paraguaya, en forma semejante a una tsch alemana. (isso é, como /tʃ/)*¹².

As observações de Nimuendaju confirmam as colocações feitas anteriormente sobre o segmento africado /tʃs/ e também nos sugerem usar a mesma interpretação para o segmento /tʃ/: o fonema que, nos antigos dialetos do Guarani, realizava-se como /ʃ/, fricativa pós-alveolar surda, no Apapocuva (e no Nhandewa-Guarani de SP e norte do PR) realiza-se como o segmento africado /tʃ/, fato que pode ser notado nos exemplos:

Guarani Antigo (Montoya)¹³: che, tubichá, chêbe.

Nhandewa-Guarani de SP e norte do PR: [tʃε'ε], [tuwi'tʃa], [tʃε'wu].

Português: “eu”, “grande”, “para mim”.

Além disso, os segmentos complexos /tʃs/ e /tʃ/ participam de um processo de neutralização na língua: o segmento /tʃs/, ao formar sílaba com /i/, sofre palatalização por influência da vogal anterior alta, o que resulta numa neutralização neste contexto, isto é, tanto /tʃs/ quanto /tʃ/, diante de /i/, realizam-se como [tʃi]. No caso de sílabas formadas com a vogal central /ɨ/ a língua elege [tʃs].

Além de segmentos fonologicamente relevantes, os africados /tʃs/ e /tʃ/ são marcas dialetais dos Nhandewa, “(...) *y denuncia al Apapokuva apenas abra la boca para hablar*”.

O desaparecimento de /h/: Aryon Rodrigues, tratando as diferenças entre o Tupi e o Guarani¹⁴, destaca uma mudança fonológica no que se convencionou chamar de Proto-Tupi-Guarani, quando esta língua se ramificou, como dissemos, em Proto-Tupi e Proto-Guarani: quase todas as ocorrências do fonema /s/ (que se mantiveram e ainda se mantêm no Tupi Moderno) foram substituídas, no ramo Guarani, pelo fonema /h/. Especificamente no Nhandewa paulista-paranaense o fonema /h/ desapareceu.

/s/(Tupi) → /h/ (Guarani) → ∅ (Nhandewa-Guarani).

De fato, o segmento /s/, reconhecidamente um fonema no Tupi e no Tupinambá, é pouco registrado no Guarani Antigo e nos dialetos Guarani da atualidade. Apesar disso, algumas realizações de /s/ permaneceram nas línguas Guarani e estas, em Nhandewa, passando pelo processo fonológico que eliminou a

¹² Nimuendaju (1978:41). As observações entre parênteses e os negritos são meus.

¹³ Montoya ([1640:4 e 10]1993: 72 e 78).

¹⁴ Rodrigues (1945:341-343).

série das fricativas, foram convertidas em /ts/, como é o caso de /s±/ “mãe”, no Avanheém, realizada em Nhandewa como [t̃s̃±].

No dialeto Nhandewa-Guarani falado nas comunidades de SP e norte do PR não se registra o fonema /h/. Todas as ocorrências de /h/ correspondentes em outros dialetos Guarani, no Nhandewa são Ø (como em [ho'ʔa],[o'ʔa] “cair”; [kwɛ'hɛ],[kwɛ'ɛ] “ontem”). Além disso, quase todas as ocorrências de /s/ encontradas em outros dialetos Guarani, são realizadas no Nhandewa como [ts]. O quadro a seguir relaciona exemplos desta mudança fonológica:

Tupi(nambá)	Guarani (“geral”)	Nhandewa-Guarani ¹⁵	Português
kwarasy	kwarahy	kwaray	sol
asab	aha	aa	eu vou
ambyasy	ambyahy	ambyay	fome
kwese	kwehe	kweé	ontem

O Nhandewa-Guarani conserva realizações de /s/ em dois itens lexicais somente: [tagwa,tɔsapu'kaɟ] ‘gavião sapucaí’¹⁶ e [sã'dʒu] que é um nome próprio. Isto se não considerarmos os empréstimos lingüísticos e outras possibilidades descartadas por terem sido pronunciadas com [s] somente por um falante que residiu em área onde se fala majoritariamente o Mbyá (outro dialeto Guarani). A contagem das ocorrências apontou seis itens lexicais com [s], das quais somente as duas mencionadas acima podem ser consideradas “autênticas”.

A variação entre [v], /w/ e [u]: Observamos uma variação entre os sons [v], [v] e [w]. Optou-se por eleger /w/ como fonema e os demais como suas variantes, uma vez que [w] é o único que ocorre tanto com vogais orais quanto com nasais, realizando-se como [w̃] - ou [w̞] - no segundo caso.

- [ko'wa] e [ko'ua] “isto, coisa”
 [tuwi't̃ʃa] e [tuvi't̃ʃa] “chefe, grande”
 [va'ka], [wa'ka] e [ua'ka] “vaca”

¹⁵ Em parte, esta também é a situação do Mbyá.

¹⁶ O termo *sapukai*, que é também o verbo “gritar”, quando registrado na forma verbal, é realizado [t̃sapu'kaɟ], o que também aponta para o fato de [s] ser uma variante de /ts/. Outra ocorrência do termo ‘sapukai’, por outro falante, mostrou que, também neste caso, a fricativa alveolar surda se realiza como o segmento africado [t̃s̃], como pôde ser verificado em espectrograma.

Em ambiente nasal, observam-se dois tipos de ocorrência diferentes: (1) uma aproximante [w̃] – que varia, em alguns casos com a nasal lábio-dental [ɱ]– ou (2) realiza-se como [ʷw̃]. No primeiro caso, por várias vezes anotamos “m” ou “w̃”, porém, não poderia ser [m] sendo também arredondado. São exemplos desta relação entre os dois sons:

1) *Txeé* “eu” + *wy* “para” = *txewy* [tʃɛ'wɨ] “para mim”; *peẽ* “vocês” + *wy* = *pem̃y* [pẽ' mɨ] “para vocês”.

2) O termo Nhandewa para “canjica”, registrado ora como [kamĩndʒu] ora como [kawĩndʒu].

A variação, em ambiente nasal, entre [w̃] e [ʷw̃], é evidenciada pelo par *wavira* “gabiropa” e *w̃apũrũ* ~ *ʷapũrũ* “jabuticaba”¹⁷.

O que o Nhandewa-Guarani fez foi eliminar completamente uma série obstruinte [+ contínua], ou seja, a série fricativa. Como o fez? Eliminando o fonema /h/ e “assimilando” as restantes fricativas /s/ e /ʃ/ ao conjunto das obstruintes [– contínuas] (ainda que foneticamente [ts] e [tʃ] tenham um contorno [+ – contínuo], fonologicamente são *descontínuas*) e /v/ ao conjunto das aproximantes, passando a /w/.

Consoantes Soantes

As oclusivas pré-nasalizadas: As línguas do Tronco Tupi geralmente apresentam uma série de segmentos de contorno (foneticamente, oclusivas com contorno nasal): /mb/, /nd/, /ŋg/ e /ŋgw/. As pré-nasalizadas /ŋg/ e /ŋgw/ presentes em outras línguas Tupi, no dialeto Nhandewa-Guarani são realizações fonéticas da velar surda /k/ e da labiovelar /kw/, respectivamente, com ambiente nasal a sua esquerda.

Os segmentos daquela série são tratados, na literatura, em geral, como oclusivas pré-nasalizadas. Algumas abordagens as consideram como nasais pós-oralizadas (que assimilam a oralidade da vogal a sua direita), outras como realizações fonéticas de /b/, /d/, /g/. O que temos observado é que o “papel” desta série de consoantes pré-nasalizadas nos processos fonológicos de línguas como o Nhandewa-Guarani é mais relevante do que se pensava.

¹⁷ Uma interpretação alternativa, neste caso, seria considerar /w/ e /v/ como dois fonemas. Se considerada esta possibilidade, o fonema /v/ - que alternaria com [v] em ambiente oral - corresponderia, em ambiente nasal, a [ɱ] (que não seria arredondado, mas lábio-dental, já que seria uma realização de /v/ e não de /w/) e o fonema /w/, velar, - que alternaria com [gw] em ambiente oral - se realizaria como [w̃] ou [ŋgw̃] em contexto nasal. Esta alternativa, no entanto, está interdita por nossa interpretação do sistema fonológico do Nhandewa.

Estes segmentos não permitem um tratamento simplificado na fonologia, pois possuem valores opostos de um mesmo traço: são, simultaneamente, nasais e orais, soantes e obstruintes.

Autores como G.L. Piggott, nos moldes da Fonologia Autossegmental, interpretam os segmentos pré-nasalizados como 'oclusivas soantes', através das geometrias de segmentos "complexos", com duas bordas polares em uma só raiz: [+nasal] e [-nasal].

Já outros autores, como Kiparsky, preferem considerá-los consoantes pós-oralizadas, que são consoantes nasais subjacentes que recebem espalhamento da oralidade vocálica a sua direita.

A interpretação aqui assumida é que a fase nasal nestes segmentos é o resultado de uma regra de *implementação fonética* (seguindo Piggott neste ponto), aplicada para garantir a soanticidade a um elemento que possui oclusão completa no trato oral. Estes segmentos pré-nasalizados /m̃b/ e /ñd/ precisam garantir a soanticidade, justamente, para contrastar com segmentos completamente oclusivos /p/ e /t/ constituindo, assim, a oposição fundamental das consoantes em Nhandewa-Guarani.

Os segmentos nasais e sua relação com os pré-nasalizados: Desde os primeiros estudos sobre as pré-nasalizadas no Tupi Antigo, percebeu-se que esta série de segmentos se dividia em dois grupos distintos: /mb, nd/ de um lado e /ŋg, ŋgw/ de outro. O grupo /mb/, /nd/ só ocorre em início de sílaba (podendo ocorrer em início de palavra) ao passo que /ŋg/, /ŋgw/ nunca ocorrem em início de palavra. No caso do Guarani, tanto do antigo quanto do contemporâneo, as consoantes nasais em coda na sílaba desapareceram¹⁸. Remeto à apresentação da nossa proposta de interpretação para a harmonia nasal do Nhandewa-Guarani, Costa (2003: 82-108): seu fundamento está no desaparecimento das codas nasais que originaram as atuais vogais nasais no Nhandewa e, imagino, também em outros dialetos Guarani. Tratemos, então, cada um destes dois grupos:

Os pré-nasalizados /m̃b/ e /ñd/ e a alternância com os nasais plenos: há um conhecido processo fonológico nas línguas Tupi em que os elementos da série de oclusivas pré-nasalizadas alternam-se com os elementos da série das consoantes plenamente nasais. Esta alternância é condicionada pelo "ambiente" nasal ou oral. Se a vogal à direita for nasal, o fonema realiza-se como [m] (ou [n]), se for oral, o fonema vai se realizar como [m̃b] (ou [ñd]):

¹⁸ De fato, o "ramo" Guarani suprimiu todas as codas em sílabas CVC presentes no Tupi. Assim, por exemplo, a forma Tupi 'tub' "pai" em Guarani tem o correspondente 'tu'; 'jaguar' "cachorro", em Guarani 'jagua'. Este assunto é tratado em Rodrigues (1945). Havia também um dialeto observado por Anchieta que fazia o mesmo: o Tupi de São Vicente.

[m̃ba 'ʔɛ] “o que, coisa”	[mã 'ʔɛ] “olhar”
[mõ- 'm̃bo] “jogar”	[mã 'mõ] “onde?”
[nda-ɔ 'kw-j r̃ɪ] “sem chuva”	[nã-põ 'r̃ɛ-j̃r̃ɪ] “não bom, ruim, feio”
[ndɛ-d̃ʒu 'ru] “sua boca”	[nẽ-pẽ 't̃ɪ] “seu fumo”
[nã, ndɛ-d̃ʒa 'r̃ɪj] “nossa avó”	[nã, nẽ-rã 'mõj] “nosso avô”

Observe-se particularmente a alternância de [nd̃] ~ [n] nos três últimos pares de exemplos, tanto no prefixo de negação - [nda] ~ [nã] - como no pronome de 2ª pessoa do singular [nde] ~ [nẽ] e de 1ª pessoa do plural inclusiva - [nã 'ndɛ] ~ [nã 'nẽ].

Nossa interpretação considera que, em Nhandewa-Guarani, os fonemas são /mb/ e /nd/. Eles se realizam como [mb] (ou [nd]) diante das vogais orais e como [m] (ou [n]) diante das vogais nasais.

A eleição de /mb/ e /nd/ - e não de [m] e [n] - como fonemas é mais produtiva para nossa análise, por derivar realizações [m] e [n] de /mb/ e /nd/, por espalhamento nasal. Temos mais argumentos em favor de que se derive as nasais plenas das pré-nasalizadas do que em favor de derivar-se realizações [mb] e [nd] de /m/ e /n/. A escolha contrária, corrente na literatura, talvez se deva às dificuldades dos modelos em lidar com os segmentos de contorno e, muitas vezes, é uma resistência de quem vê as outras línguas a partir da própria. São pertinentes, neste sentido, algumas considerações de Trubetzkoy no seu texto *A Fonologia Atual*¹⁹.

Não é inovação nossa a proposição de que as pré-nasalizadas sejam os fonemas e as nasais plenas derivadas, veja-se a interpretação de Mattoso Câmara Jr. (1959) para o Proto-Jê.

A favor da análise de [m] e [n] como derivados de /mb/ e /nd/ temos pontos como a questionável *pós-oralização*: para considerarmos [mb] e [nd] como resultado de alteração nas nasais plenas /m/ e /n/ pela vogal oral, teríamos de considerar um controverso traço [-nasal] ativo. Além disso, ao caso do Guarani, não é possível aplicar-se uma proposta como a de D'Angelis (1998) para o Kaingang, já que, diferentemente desta língua, o Guarani tem o fenômeno da harmonia nasal, sendo as obstruintes transparentes a este processo, o que impede que se postule um caráter ativo do nó SP (Soft Palate) às vogais para, com isso, fazê-las oralizar parcialmente a consoante nasal precedente.

O espalhamento de nasalidade é uma boa interpretação para que realizações [m] e [n] sejam derivadas de /mb/ e /nd/. Trabalhos como os de Piggott e Rice, além de D'Angelis (1998), mostraram a relação entre soanticidade e nasalidade, o que nos permitiu interpretar as pré-nasalizadas como soantes.

¹⁹ Trubetzkoy (1981:21-22).

Os pré-nasalizados velares: existem dois segmentos complexos pré-nasalizados com articulação velar em Nhandewa-Guarani, [ŋ̃g] e [ŋ̃gw̃]. Eles são formados por um processo morfofonológico de vozeamento das oclusivas surdas /k/ e /kw/.

Este processo, que resulta na criação de um segmento pré-nasalizado através do vozeamento na consoante velar seguinte, já existia no Tupi, como aponta Anchieta:

“C. sem zeura, ou, que qui, que eh o mesmo, comumente se muda em, ng. Precedendo, m.n. ou til, como nesta composição dos verbos neutros cōmo. vt aicō. Amoingó, aquêr. Amonguêr, quiã, aimonguiã.

*Item noutras dições compostas, vt Aîn, catu, composto, aingatú, airumô, airumóngatúu, amanô, amanóngatú, ainupã, ainupãngatú, etc.”*²⁰.

Em Nhandewa-Guarani existem dados que apontam para o mesmo tipo de interpretação como, por exemplo, [põrãŋga'tu] = [põ'rã] + [ka'tu] “muito bom”.

Além deste, outros dados do Nhandewa-Guarani sugerem que se dê a mesma interpretação também para o segmento [ŋ̃gw̃]. Em contexto oral tem-se:

[iwi'kwa] “sepultura” de ‘iwi’ “terra” + ‘kwa’ “buraco”

Já em contexto nasal encontra-se:

[pētĩ'ŋ̃gwa] “cachimbo” de ‘pē'tĩ’ “fumo” + ‘kwa’ “buraco”

Esta pré-nasalização seria produzida pelo vestígio de uma consoante nasal que, historicamente, esteve presa à raiz da palavra, herança das línguas ascendentes do Tronco Tupi, em casos como: [po'rãŋg-a] no Tupi e o termo correspondente em Guarani Moderno /po'rãN/.

Sendo assim, pode-se sugerir que os segmentos pré-nasalizados formados com a plosiva velar [g] – vozeamento de /k/ – são diferentes dos segmentos fonológicos pré-nasalizados /m̃b/ e /ñd/. Os velares não são pré-nasalizadas subjacentes no sistema fonológico da língua, mas resultado de um processo morfofonológico.

O tap /r/: O segmento /r/ faz parte da fonologia do Nhandewa-Guarani. Ele aparece, na sílaba, sempre em posição de onset, em início e meio de palavra, como em: *rery* [rɛ'rɛ] “nome”. /r/ foi também registrado na forma /r̃/ nasalizada foneticamente, em casos de palavras nasais. Ex: *põrã* [põ'r̃ɛ] “belo”.

Após esta breve discussão sobre o funcionamento de cada segmento no sistema fonológico, podemos apresentar os fonemas consonantais do Nhandewa-Guarani

²⁰ Anchieta (1595: 4). Uma “versão” para o uso corrente: “/k/ comumente se muda em [ŋg] quando é precedido por /m/, /n/ ou vogal nasal, como nesta composição dos verbos (...) Idem em outras locuções, como *Ayn + katu = ayngatu*.”

num quadro fonológico de consoantes bastante simétrico. Assim, chegamos a uma interpretação funcional da fonologia do Guarani que tem se mostrado bastante produtiva:

Obstruinte	p	t	ts	tʃ	k	kw	ʔ
Soante	mb	nd	r	j	ɰ	w	

Podemos considerar, com alguma certeza, que a lacuna no sistema que se observa acima poderia ser preenchida com certa eficiência pelo fonema /h/, que desapareceu quando este dialeto do Guarani eliminou a série fricativa. O /h/ ficou sem lugar no sistema fonológico do Nhandewa, uma vez que não é soante, embora ele fosse a contraparte da oclusiva glotal. Na reacomodação da fonologia, /h/ foi eliminado, o que resultou em assimetria no sistema. Por isso mesmo, pode ou poderia vir a ser motivo de novas acomodações e mudanças.

Nossa proposta de interpretação para o sistema fonológico consiste, então, na oposição *soante/obstruinte* entre as consoantes. Seguindo a regra de implementação fonética, consideramos as consoantes pré-nasalizadas como elementos que possuem uma fase nasal para garantir vozeamento espontâneo, o que faz com que elas se oponham a elementos obstruintes no sistema.

Vogais

Seguindo o modelo proposto por Clements e Hume (1995) para as alturas vocálicas, podemos agrupar, foneticamente, os sons vocálicos do Nhandewa-Guarani em quatro conjuntos segundo a altura vocálica, como abaixo:

	i/ĩ/w/u	e/o/ɛ	ɛ/ɔ	a
Aberto 1	-	-	-	+
Aberto 2	-	+	+	+
Aberto 3	-	-	+	+

Fonologicamente, estamos considerando um sistema de duas alturas vocálicas (alta e baixa) que combinam com três diferentes pontos de articulação (anterior, central e posterior). O sistema fonológico vocálico do Nhandewa-Guarani é composto por: alta anterior, /i/; alta central, /ĩ/; alta posterior, /u/; baixa anterior, /ɛ/; baixa central, /a/; baixa posterior, /ɔ/. Optou-se por eleger como fonemas as médias-baixas /ɛ/ e /ɔ/, no lugar das médias /e/ e /o/ por dois motivos: (1) são as vogais que aparecem em sílabas acentuadas, tanto orais quanto nasais e (2) o uso destas vogais mais abertas é identificado pelos falantes como diferença relevante em relação a outros dialetos Guarani.

Ocorre um processo de neutralização entre as alturas vocálicas nas sílabas pré-tônicas. A neutralização entre /e/ e /i/, a favor da mais alta, costuma ocorrer nas sílabas átonas mais afastadas da sílaba acentuada, nunca nas que são imediatamente vizinhas ao acento: [tʃime'mbɛ̃] “meu filho” versus [tʃe'ʔawɛ̃] “meu cabelo”.

Os professores índios, na ocasião das convenções lingüísticas que fizemos, não aceitaram como boas na língua as formas escritas com *i*, para palavras como “*txi memby*”. Nestes casos, a grafia escolhida foi “*txe memby*”.

Registramos ainda uma variação vocálica condicionada pelo ponto de articulação da consoante em sílaba CV com a vogal central alta /ɨ/: as consoantes velares ocorrem com a variante [w] e as demais consoantes ocorrem com [ɨ].

A oposição *nasal versus oral* é considerada subjacente e fundamental entre as vogais nesta língua. Observem-se os pares mínimos: **pyta** “ficar” e **pýtã** “vermelho”; **tupa** “cama” e **tüpã** “trovão, clima”; **kwa** “buraco” e **kwã** “dedo”; **puru'a** “gravidez” e **pürü'ã** “umbigo”; **mba'e** “coisa, o que” e **mã'ê** “olhar”; **oke** “ele dorme” e **ökê** “porta”.

4. CONCLUSÕES

Nosso tratamento para a fonologia do Nhandewa-Guarani paulista-paranaense levou em conta os processos fonológicos e discutiu o funcionamento do sistema, o que tornou possível apresentar um quadro fonológico composto por 13 segmentos consonantais, sete obstruintes que se opõem a seis soantes e uma lacuna. Consideramos que esta posição vazia foi deixada, possivelmente, pelo desaparecimento do fonema /h/. Além disso, apresentamos um quadro fonológico vocálico que em parte se aproxima do tradicionalmente visto na bibliografia, de seis vogais, embora tenhamos assumido apenas duas alturas onde, freqüentemente, propõe-se três. Finalmente, além das questões sobre a fonologia do Nhandewa-Guarani, levantaram-se questões sobre a própria fonologia do Tupi, as quais merecem pesquisas posteriores.

BIBLIOGRAFIA

- ANCHIETA, José de, Pe. (1990) *Arte de Gramática da lingua mais usada na costa do Brasil*. Ed. Fac-similar à de 1595. São Paulo: Loyola.
- CÂMARA JR., J.M. (1959). *Alguns Radicais Jê*. Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- CLASTRES, Hélène (1978). *Terra sem Mal: o profetismo Tupi-Guarani*. S P: Editora Brasiliense.

- CLEMENTS, G.N. & HUME, Elisabeth V. (1995). The internal organization of speech sounds. In J. Goldsmith (org.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge/MA: Blackwell, (245-306).
- COSTA, Consuelo de Paiva G. (2002). Nasalização em Nhandewa-Guarani. *Atas do 1 Encontro Internacional do GTLI da ANPOLL*. Belém: Editora Universitária UFPA.
- COSTA, Consuelo P.G (2003). *Nhandewa aywu*. Campinas: IEL/UNICAMP. Dissert. Mestrado.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha (1998). *Traços de modo e modos de traçar geometrias: Línguas Macro-Jê & Teoria fonológica*. Campinas, SP: IEL – UNICAMP. Tese de Doutorado.
- EDELWEISS, F. G. (1969). *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*. RJ: Livraria Brasileira Editora.
- GREGORES, E. & J. SUÁREZ (1967). *A description of colloquial Guaraní*. The Hague: Mouton.
- KIPARSKY, P. (1985). Some consequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook 2*: 85-138.
- MONTOYA, Antonio Ruiz de (1993). *Arte de la Lengua Guarani (1640)* [fac-similar]. Introdução e notas: Bartomeu Meliá. Transcrição atualizada: Antonio Caballos. Asunción: CEPAG.
- NIMUENDAJU, Curt (1978). *Los mitos de creación y destrucción del mundo como fundamentos de la religión de los Apapokuva-Guarani*. Lima: CAAAP.
- _____. (1987). *As lendas de criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. Hucitec/USP: São Paulo.
- PIGGOTT, G.L. (1992) Variability in feature dependency: the case of nasality. *Natural Language and Linguistic Theory*, 10:33-77.
- RICE, K. D. (1993) A reexamination of the feature [sonorant]: the status of 'sonorants obstruents'. *Language*, vol. 69, (2): 308-344.
- RODRIGUES, Aryon Dall'igna (1945). Fonética Histórica Tupi-Guarani: Diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guarani. *Arquivos do Museu Paranaense*, Curitiba, IV.
- RODRIGUES, Daniele M. Grannier (1990). *Fonologia do Guarani Antigo*. Campinas: Ed.UNICAMP.
- TROUBETZKOY, N.S. [1939]. *Principles of Phonology*. Capítulos traduzidos por Wilmar da Rocha D'Angelis. Campinas: IEL – UNICAMP, 1996.
- _____. (1981). A Fonologia Atual. In: Dascal, M (org.). *Fundamentos Metodológicos da Lingüística*. Vol. 2 (15-35). Campinas: Edição do autor.